A viagem da Índia: poemeto em dois cantos

Fernandes Costa

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A viagem da Índia: poemeto em dois cantos

Fernandes Costa

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

A VIAGEM DA INDIA

Poemeto em dois cantos

por

FERNANDES COSTA

A VIAGEM DA INDIA

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

3 exemplares em papel de linho branco nacional 1:000 em papel de algodão de 1.^a qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

A VIAGEM DA INDIA

Poemeto em dois cantos

POR

FERNANDES COSTA

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1896

A

Luciano Cordeiro

O INICIADOR E INCANÇAVEL PROPUGNADOR DO MODERNO MOVIMENTO GEOGRAPHICO PORTUGUEZ

CANTO PRIMEIRO

A IDA

CANTO PRIMEIRO

A IDA

I

Onde vae, Tejo em fóra, a lusa armada?..
Naus altivas, possantes caravelas!
Vae em busca da India enfeitiçada,
Sobre as ondas azues, pandas as vélas.

II

E quem é, que essa gente assim conduz
A cumprir o prodigio nunca visto?
Accesa levam n'alma a viva luz
Da fé, e nos pendões a cruz de Christo!

III

Mas já vão longe as quatro embarcações...
Parecem quatro pombas a voar,
Em demanda de ignotas vastidões,
Onde vão novo ninho edificar.

IV

Romeiros da romagem longa e vaga,
Que nova Terra Santa, ao longe, alveja?
Deus vos leve, romeiros, Deus vos traga,
E a vossa obra, eterna e benta seja!

V

Mas nas ondas o sol vae descaíndo,
E quando o manto placido e sidereo
Da noite, o céu cobriu e o mar infindo...
Perdeu-se a lusa armada no mysterio.

VI

Nenhuns olhos humanos a seguiam;
Espantadas, porém, da audaz empreza,
No céu alto, as estrellas repetiam:
«Vae ali a fortuna portugueza!»

VII

E aquella, que apontando sempre o norte,
Sobre a cupula movel, firme está,
Dizia: «Raça ousada! raça forte!
Dentro em pouco, outra irmã vos guiará!»

VIII

E, dentro em pouco, respondendo ao voto
Da irmã polar... lá vem surgindo a chamma,
Sobre as ondas ignotas, astro ignoto,
A divina _Akher-Nahr_, fanal do Gama!

IX

Porém, agora, que mysterio summo!..
Já sobre o _Carro_ se condensa um véu;
O mar o engole, quando ao alto, a prumo,
Anda o _Centauro_ percorrendo o céu!

X

E, emquanto a _Hydra_ vem subindo, enorme,
Não baixa já, mas demandando a altura,
Longe o _Dragão_, retorso e desconforme,
Busca do mar a fria sepultura.

XI

Depois, na vaga, a _Cassiopêa_ tomba,
E nascem estrellas, que ninguem conhece!
Lá vem do Sul, a remontar, a _Pomba_,
Quando ao norte, _Cepheu_ desapparece.

XII

Da armada a gente, a vista leva immersa,
Com pasmo natural, que não surprende,
N'aquella nova cúpula diversa,
Que sobre mar e terra a noite extende.

XIII

Ergue-se, agora, da longinqua esphera,
--Ó _Cruz_ maravilhosa e deslumbrante!--
O symbolo christão, que n'alma impera,
Não vista, mas cantada pelo Dante!

XIV

E ao passo que ante os olhos vão surgindo
Os segredos, que guarda a immensidão,
Dir-se-ía, que da treva está saíndo,
Á voz de Deus, segunda creação!

XV

E por todo o estrellado firmamento,
De cada estrella, esta pergunta cáe:
«Quem viu tal aventura, tal portento?
D'onde vem esta gente, e aonde vae?»

XVI

No emtanto, os rudes peitos temerarios,
Dentro das naves, perguntando vão:
«Astros novos, propicios ou contrarios,
Estes astros do céu, que estrellas são?»

XVII

Onde vae, mar em fóra, a lusa armada?..
Vae em busca do eterno vellocino.
Olhos postos na cruz e a mão na espada,
Leva em si Portugal e o seu destino.

XVIII

O destino de um povo! Assim tranquillo,
Sob a luz das estrellas scintillando,
De Moisés o destino andou boiando,
N'uma cesta de vime, sobre o Nilo!

XIX

Na treva, ruge o mar sinistramente;
Nas almas pésa a noite... Muito embora!..
Avançam para o fulgido Nascente,
Hão de ver, no seu throno, a rosea Aurora!

XX

Vae ali cada um cumprir seu fado,
E Deus fará, que seja bem cumprido;
Em vão ha de rugir o mar irado,
Em vão clamar o céu desconhecido.

XXI

Por todos foi jurado,--e cada um,--

Levar a cabo um feito, ao pé do qual,
Não houvesse, em annaes de povo algum,
Memoria d'outro feito assim igual.

XXII

Hão de tudo tentar que for preciso...
Descer á eterna sombra do profundo,
Escalar os humbraes do paraiso,
Transpôr os proprios términos do mundo!

XXIII

Mal dá logar a crença, que os inflamma,
Ás visões, que o pavor, na mente gera;
Em frente, muito em frente, a India os chama...
Atraz, já muito atraz, a patria espera!

XXIV

Vozes mil o silencio perturbando,
Da treva densa, em côro, vão subindo!
Serão monstros do mar, que estão bramando?..
Ou d'Africa os leões, que estão rugindo?..

XXV

Mas nenhum peito, a vozes taes se atterra;
A armada segue, pelo mar em fóra...

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com